O USO DO PRESENTE DO INDICATIVO EM REDAÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO*

Wilton Soares Pereira[1]

Resumo
Considerando o que afirmam os gramáticos tradicionais da língua portuguesa sobre a questão do tempo verbal presente, enfrentamos o desafio de fazer um confronto entre o que pensam esses gramáticos e o que as pesquisas e os estudos lingüísticos apontam sobre o uso desse tempo. Dados de redações de alunos do ensino médio revelam que o presente não se restringe apenas ao momento em que se fala.

Palavras-chave: Presente do indicativo. Gramática tradicional. Lingüística contemporânea.

Abstract
Considering what the traditional grammarians of the Portuguese language affirm about the present tense subject, we faced the challenge of doing a confrontation among what those grammarians think and that one which the researches and the linguistic studies shown about the use of that time. Data of compositions of medium teaching reveal that the present tense doesn't just limit a moment in that is spoken.

Key-words: Present tense. Traditional grammar. Contemporary linguistics.

---

* Este artigo é resultado de um trabalho monográfico desenvolvido no Curso de Especialização em Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (1999), sob a orientação do professor doutor Luiz Francisco Dias.

[1] Professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – PRATA. CEPES – CG/1.

1. Introdução

Muito se tem pensado, estudado, em torno do tempo verbal no meio acadêmico, entretanto, no que se refere ao tempo presente, Mioto (1985) afirma que este é o menos estudado, apesar de sua larga ocorrência em situações conversacionais.

É desse tempo que vamos tratar neste trabalho, procurando mostrar e justificar, numa perspectiva lingüística, através de redações escolares que a gramática tradicional, de forma bastante repetitiva e equivocada, vem abordando a questão do tempo presente de modo incoerente, o que pode ser comprovado quando juntamos conceitos e exemplos de gramáticos para justificar o referido tempo verbal.

O caminho percorrido para chegar aos dados de observação do nosso trabalho teve como meta principal perceber, nas redações dos alunos, que as idéias de *presente, passado e futuro* não estão marcadas pelas formas flexionadas apresentadas nas gramáticas normativas, e sim pelos marcadores de tempo, os quais veremos ao longo desse trabalho. Para a obtenção do material escrito, realizamos uma produção de texto, com aproximadamente 80 alunos, em duas turmas de 1ª série vinculadas à Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida, pertencente ao projeto CEPES (Centro Paraibano de Educação Solidária) de Campina Grande – PB.

A coleta dos referidos dados teve uma duração, em média, de 100 minutos para cada turma que, no início das aulas, foi solicitada a responder por escrito e de maneira espontânea, sem que os alunos fossem induzidos a usar um tempo verbal específico, uma das três questões a seguir:

a) *No final de suas aulas, o que você está planejando fazer?*
b) *Quais são os seus planos de vida daqui a cinco anos?*
c) *O que você pretende fazer quando chegar à velhice?*

2. Fundamentação teórica

Corôa (1991), em seu artigo sobre *a temporalização e a temporalidade*, afirma que desde os gregos já se falava de tempo como memória, como mito, como decodificação, como antecipação

de um futuro ditado pelo sobrenatural. Afirma a autora ainda que, no início do século XIX, essa "visão" de tempo como idéia de ordem, de um progresso ininterrupto e cíclico, deu lugar à idéia de tempo "natural", trazida pela hegemonia das Ciências Físicas e Biológicas, as chamadas "objetivas".

Hoje, no século XXI, continua-se falando metaforicamente do tempo, mas a consciência dos perigos dessa linguagem metafórica vai-se firmando, e o absolutismo de tais descrições vai sendo colocado em dúvida. A referida autora ainda acrescenta que, na língua, o tempo se ordena a partir de coordenadas criadas na importância do discurso.

Continuando a observação sobre o tempo verbal, Weinrich (apud Koch, 1987), numa visão pragmática, analisando textos de várias situações comunicativas, chega à conclusão de que, do mesmo modo que os tempos verbais, as situações comunicativas se repartem claramente em dois grupos: o mundo narrado e o mundo comentado, cujas características são as seguintes:

I. Mundo narrado – pertence a todos os tipos de relatos, literários ou não, permitindo aos interlocutores uma atitude mais "relaxada".

II. Mundo comentado – pertence à lírica, ao drama, ao ensaio, ao diálogo, ao comentário, enfim, por via negativa todas as situações comunicativas que não consistam apenas em relatos e que apresentem como características a atitude tensa: nessas situações, o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente. "O falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo" (*ibidem*:37-38). Comentar é falar comprometidamente.

Em se tratando da visão da gramática sobre a noção de tempo verbal, observamos o seguinte:

(a) Cegalla (1980:123) afirma que os tempos verbais situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento. Entretanto, para justificar o conceito estabelecido, esse autor apresenta na sua gramática uma única e curtíssima frase para exemplificar o presente do indicativo. Vejamos: *Eu leio agora.*

(b) Faraco e Moura (1999:326) afirmam que o presente é a ação que ocorre no momento em que se fala e exemplifica: (*falo*).

(c)Para Cunha e Cintra (1985:369), o tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. E no momento em que conceituam o uso do presente do indicativo, estes autores dão como exemplo a frase: *Eu estudo*.

Contudo, no final da década de 90 do século XX, observamos que alguns gramáticos tradicionais já começam a pensar no emprego e no uso do presente do indicativo de modo um pouco diferente do que já havia sido registrado pelas velhas gramáticas tradicionais. É o caso de Neto e Infante (1997:189) que apresentam algo mais quando afirmam que o *presente* pode também expressar processos que eles chamam de *habituais, regulares* ou aquilo que tem *validade permanente*, apresentando os seguintes exemplos:

Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos *são* iguais perante a Lei.
A Terra *gira* em torno do Sol.

Esses autores também afirmam que o presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o que eles chamam de presente histórico, como no exemplo:

> No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez, em quase trinta anos, o povo brasileiro *elege* diretamente o Presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação a população não *percebe* que *está* diante de um farsante. Mas a verdade não *demora* a chegar. O presidente-atleta logo *mostra* quem *é*. Seu braço direito, PC. Farias, *saqueia* o país. *Forma*-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que *investiga* as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados *são* tantos que só *resta* ao aventureiro renunciar. (NETO; INFANTE, 1997:189).

Neto e Infante (op. Cit.) ainda afirmam que o *presente* pode ser usado para indicar um fato, um futuro próximo e de realização tida como certa, conforme ilustram as frases:

> Daqui a pouco, a gente *volta*. / *Embarco* no próximo sábado.

Para os autores, o presente também pode ser utilizado com valor imperativo, constituindo uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa.

Artur, agora você se *comporta* direitinho.
Depois vocês *resolvem* esse problema para mim.

Depois de investigarmos sobre o que pensam os teóricos da gramática tradicional e os lingüistas a respeito do *presente do indicativo,* agora é o momento de acompanharmos outro teórico da Lingüística contemporânea tratando do mesmo tempo verbal.

Para Mioto (1985), o presente pode ou não ser simultâneo ao momento da fala. Tudo vai depender do apoio lingüístico, ou seja, da presença de um advérbio temporalizador para marcar o momento da fala. Nesse caso, quando digo *Eu estudo*, esta ação verbal não me diz quando iniciou ou quando vai terminar a referida ação, mas à medida que adicionamos um temporalizador adverbial, certamente, teremos uma ação simultânea. Assim, no exemplo "Eu estudo *neste momento,*" note-se que a presença do temporalizador marcou o instante em que se deu o fato expresso pelo verbo.

Mioto afirma ainda que é difícil sincronizar os dois momentos da ação verbal, ou seja, o do evento e o da fala. Vejamos: '... Como todo intelectual realmente *esnoba*...'.

Notaremos, segundo Mioto, não haver, na oração citada, implicação de que a esnobação real de todo intelectual se verifique no momento em que a oração está sendo proferida. Para essa verificação, é preciso que o tempo verbal se apresente combinado com outros elementos como o verbo ESTAR-ndo, ou adjunto adverbial, ou uma situação criada por um contexto mais amplo, por exemplo, numa narração/descrição de algo que está acontecendo, como uma partida de futebol.

Nesse último caso, pode-se afirmar que é difícil sincronizar os dois momentos, o do evento e o da fala. Além disso, conceituar o Presente do Indicativo (PI) em termos de simultaneidade traria problemas que não poderiam ser resolvidos no caso de frases rotineiras. Portanto, é um só o Momento de Fala (MF) e em vários momentos, segundo Mioto, as ocorrências do evento, ou seja, o acontecimento da ação verbal. Se uma ocorrência é simultânea ao MF, é evidente que as outras não o serão.

A característica principal do PI, a atualidade, o distinguiria do futuro. Atual, por conseguinte, é tudo aquilo que não é marcadamente passado nem futuro, como veremos abaixo:

'O fato de todo intelectual esnobar é atual'

3. Analisando o uso do presente nas produções dos alunos

a) ***O Tempo nos Adjuntos adverbiais***

Em uma das redações examinadas, respondendo a uma pergunta sobre o que irá fazer no final da aula, nota-se que a autora emprega, em vários momentos, verbos que se apresentam de forma simples e que estão conjugados no presente do indicativo para falar de uma situação de futuro, conforme se verifica na introdução de seu texto.

> (1) No final das aulas, sempre *mantenho* a rotina, ou melhor, *volto* para casa, e como qualquer outra jovem, *faço* minha refeição, *arrumo* a casa e logo depois *volto* para o colégio para praticar esportes. (A.S.N)

No caso em exame, a que devemos atribuir a idéia de futuro encontrada no trecho acima? Aos verbos? Claro que não; mas à presença das circunstâncias adverbiais *"no final das aulas"* e *"sempre"*, que assumiram essa idéia. Entretanto, percebe-se que a aluna flexiona várias vezes os destacados verbos no presente do indicativo, sem a menor preocupação de conjugá-los no futuro. Esta situação verbal é criada pela própria estrutura do período, tendo como objeto determinante de futuro os advérbios circunstanciais de tempo.

b) ***O Tempo na Semântica do verbo***

A redação da aluna T.M., a seguir, inicia-se com uma oração subordinada adverbial e, em seguida, apresenta duas construções perifrásticas com o verbo *pretender* mais infinitivo. O emprego desse verbo, na redação da referida aluna, no presente do indicativo, indica uma situação futura provocada pela própria semântica do verbo que, segundo Michaelis (1998), significa aspirar a, desejar, querer etc. São verbos que, quando estão acompanhados ou não de uma base verbal no infinitivo, devem indicar uma situação deslocada de tempo. Vejamos:

> (2) Quando acabar as aulas eu *pretendo* ir para casa e tomar um banho, assim que chegar. Logo após, almoçarei, trocarei de roupa e sairei para organizar alguns detalhes para o trabalho de Geografia da aula do dia seguinte.

> Depois de tudo isso, que não sei quando vai terminar, *pretendo voltar* para casa e dormir. (T.M)

c) ***O Tempo na Seqüência textual***

Na construção do texto a seguir, em que a aluna G.V., em resposta à questão *b*, expõe seus planos de vida para os próximos cinco anos, é notável a colocação de todos os verbos destacados no presente do indicativo, sem nenhuma interferência direta da construção padrão do tempo futuro, ou seja, na forma conjugada.

> (3) *É* difícil falar da vida porque não *sei* o que *vem* pela frente, mas os meus planos *são* bastante pequenos e simples. [...] *Penso* também em aceitar a palavra de Deus (o evangelho). Esses *são* os meus planos para daqui a cinco anos; [...] (G.V.)

Observa-se, nesse exemplo, que as idéias construídas de futuro, que foram abordadas na redação de G.V., não necessitam de marcas desinenciais para indicar um tempo distante, pois a própria seqüência do texto, com os verbos no presente, já remete à idéia de um tempo de planejamento distante. G.V. marca o amanhã como se fosse hoje.

d) ***O Tempo na Construção perifrástica***

Segundo Ilari (1997), o verbo auxiliar pode assumir qualquer uma das flexões de tempo, modo e pessoa disponíveis e uma base verbal, geralmente descrita como "verbo de sentido pleno" com uma das formas nominais (infinitivo-gerúndio e particípio).

Na tentativa de prever um futuro distante, a aluna do texto a seguir usou duas construções perifrásticas para falar de uma realidade que está muito distante do seu mundo contemporâneo. Eis a pergunta que fizemos para que ela desenvolvesse o texto abaixo: O que você pretende fazer quando chegar à velhice?

> (4) [...] *Vou tentar viver* uma vida normal, passear, fazer compras, ir ao banco e quem sabe, ir ao cinema de vez em quando, isto é: se daqui para lá ainda existir cinema. (L.S.S)
>
> [...] Se eu chegar a me casar e ter filhos, *vou comemorar* as datas festivas em família, acreditar que vai prevalecer na Terra a humanidade, o respeito e acima de tudo, o amor de cada um [...] (Idem)

Nos recortes acima, a idéia de futuro é marcada através do uso das perífrases.

4- Conclusão

A análise desses fragmentos produzidos por alunos do ensino médio teve como objetivo principal fazer um confronto entre as afirmações conceituais da gramática normativa, junto às contribuições da Lingüística contemporânea sobre o presente do indicativo. Conforme percebemos nos fragmentos de redações registrados aqui, o uso do presente do indicativo vem contemplar o que os lingüistas já confirmaram: que esse tempo não é marcadamente passado nem futuro, mas pode estar marcado – através de adjuntos adverbiais, da semântica do verbo, da seqüência textual, da construção perifrástica etc. – como foram percebidos nos fragmentos analisados, com o propósito de indicar o tempo futuro.

REFERÊNCIAS

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* São Paulo: Nacional, 1980.

CORÔA, Maria Luiza M. S. Sobre temporalidade e temporalização. In: *Estudos lingüísticos.* 20 Campinas: FEDF e UNICAMP, 1991.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.*2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática.* 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português.* (Repensando a língua portuguesa). São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIOTO, Carlos. O Presente do indicativo. In: *Estudos lingüísticos.* Vol. X Bauru: GEL, 1985.

NETO, Pasquale Cipro; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa.* 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.